



LIMA, Leticia. *Gaú-chê-rama-ura* (Jornal Pioneiro, 1967-1968): uma leitura da primeira edição do épico de Zulmiro Lermen. **Revista Épicas**. N. 18 – dez 25, p. 174-178.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v18>

GAÚ-CHÊ-RAMA-URA (JORNAL PIONEIRO, 1967-1968): UMA LEITURA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO ÉPICO DE ZULMIRO LERMEN

Leticia Lima
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

LERMEN, Zulmiro Lino. *Gaú-chê-rama-ura: a poesia da terra e da gente que canta sentidamente*. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, abr. 1967/dez. 1968.

Em 17 de abril de 1967, o *Jornal Pioneiro* publicou as primeiras estrofes do poema épico de Zulmiro Lermen. Sob o título *Gaú-chê-rama-ura: a poesia da terra e da gente que canta sentidamente*, o poeta caxiense, já colaborador semanal do periódico, lançava seu texto de maior fôlego, que se estenderia nas edições do jornal até dezembro do ano seguinte. Trata-se da obra mais extensa e ambiciosa de Lermen, na qual sua poética alcança maior vigor e densidade.

Acompanhadas de notas que explicam os recortes e as omissões do texto, as estrofes compuseram o que viria a ser a primeira versão de *O Grande Sul* – título utilizado na adaptação em prosa publicada pela Edições Paulinas em 1971. Além dessas, o épico lermeniano conta, ainda, com uma terceira versão: o datiloscrito completo do poema, até hoje inédito. A versão datiloscrita, mais ampla e consistente, preserva a dimensão épica do poema e é objeto de pesquisa em andamento, motivo pelo qual não será examinada nesta resenha. O foco recai, portanto, sobre a versão do *Pioneiro*: a primeira a vir a público e a que mantém o tom épico e o fôlego do poema original.

A obra de Lermen, entretanto, é um *corpus* ainda por se fazer. Pouco se conhece sobre sua biografia e produção literária, que carecem de estudos sistemáticos, e *Gaú-chê-rama-ura* figura como uma das obras raras e capazes de revelar a amplitude de sua poética. Os poucos estudiosos que se referem ao poeta concentram-se na região da Serra Gaúcha, onde ele nasceu e viveu, sendo a única exceção de que se tem notícia até o momento a menção de Pedro Leite Villas-Bôas em seu *Dicionário bibliográfico gaúcho* (1991). Os registros, de modo geral, convergem ao afirmar a variedade de sua produção: Lermen escreveu desde poemets e romances até dicionários de tupi-guarani e manuais práticos de inglês e esperanto, além de exercer por muitos anos a atividade de professor. Essa diversidade de interesses e de formas de expressão encontra em *Gaú-chê-rama-ura* sua síntese mais ambiciosa – um épico que se propõe a cantar a terra e a gente do sul.

Disposto em 596 estrofes em decassílabos heroicos, a versão de *Gaú-chê-rama-ura* encontrada no *Jornal Pioneiro* remonta à epopeia clássica e, embora careça da divisão em cantos, apresenta a evolução da história em partes distintas. O poema percorre de forma ampla a geografia, a história e a cultura do Rio Grande do Sul: inicia com a descrição da paisagem regional – rios, lagos, ventos e vegetação – e segue com a narrativa das origens do povo gaúcho, abordando tanto personagens lendários quanto figuras históricas, como Sepé Tiarajú e os líderes das revoluções. Trata do desenvolvimento econômico e social, destacando a introdução do gado, a colonização açoriana e alemã e a imigração italiana, bem como os conflitos que marcaram a região, incluindo as guerras locais, a Guerra dos Farrapos, a Guerra do Paraguai e a Revolução Federalista, até eventos políticos do século XX, como a Revolução de 1930. Ao longo do poema, Lermen também destaca os grupos étnicos e sociais e valoriza tradições culturais, como lendas indígenas, poesia regional e o gauchismo sul-rio-grandense, encerrando com temas contemporâneos que ampliam a perspectiva para a era atômica e espacial, revelando uma visão universal que atravessa tempos e espaços.

Em consonância com a tradição da epopeia clássica, *Gaú-chê-rama-ura* apresenta elementos estruturais típicos do gênero. Logo na abertura, o poeta faz uma invocação, mas, em vez de recorrer às Musas gregas, dirige-se a Deus, marcando a dimensão espiritual cristã de sua obra. A proposição do poema – “narrar e descrever e dissertar” (estrofe 4, verso 9) – reforça esse caráter devocional, propondo compartilhar com o leitor a *luz divina* que orienta o olhar do poeta sobre o mundo:

Criador meu, quão divino o teu criar!
Surgindo vem a luz do teu amar...
De espaços azulantes, do negror,
Nevados picos brilham em fulgor,

Clareiam os fundões do fundo mar...
Criador meu, *Poiesis* Criador,
Alguma luz quero também acionar,
Contigo quero o Belo comungar... (Lermen, 1967, estrofe 2)

Ao longo do texto, é possível identificar outros traços épicos clássicos adaptados ao contexto regional: a descrição detalhada de paisagens, personagens e batalhas; a presença de heróis e de feitos memoráveis; e o uso de versos em decassílabos heroicos, que conferem ritmo solene e grandioso à narrativa:

E vão os cavaleiros às coxilhas
E ocultam-se ao longo dos cavalos
Armados com suas lanças, boleadeiras
Os brancos cobiçando a tropilha
Achegam-se matreiros aos cavalos...
Ventaço de lanças e bolaços
Avisa quem é o dono das coxilhas (Lermen, 1967, estrofe 36)

O poema de Lermen constitui uma tentativa singular de inscrever o épico no contexto da literatura serrana e sul-rio-grandense. Ao transformar a história, o espaço e o modo de vida do homem gaúcho em matéria épica, o autor mobiliza recursos da tradição literária para construir uma visão grandiosa da cultura local. Nesse sentido, *Gaú-chê-rama-ura* ocupa um lugar peculiar tanto na trajetória de Lermen – como ponto culminante de sua produção – quanto no panorama da poesia sul-rio-grandense, ao articular oralidade e sentimento a um projeto de envergadura estética incomum para o período – o que talvez justifique a escolha do autor de transformar o texto em prosa na versão posterior, publicada em 1971.

A dimensão épica de *Gaú-chê-rama-ura* se amplia ainda mais quando observada à luz das influências literárias que atravessam a escrita de Lermen. Suas referências, tanto aos clássicos do gênero quanto à tradição regional, revelam um projeto estético consciente, que busca inserir as figuras do imaginário sul-rio-grandense em uma linhagem literária mais ampla. De um lado, a tradição épica clássica fornece o modelo narrativo e o impulso totalizante; de outro, a literatura regional e o romance histórico oferecem o cenário e o imaginário com que Lermen dialoga de modo produtivo.

Essa convivência entre o cânone universal e a tradição regional não é apenas declarada, mas incorporada à própria forma do poema. Ao reunir “a ura de Homero, em gregos mares” (estrofe 431, verso 4) e “os cantos de Virgílio e Alighieri” (estrofe 431, verso 9) aos “campos de Simões Lopes, o gaúcho” (estrofe 431, verso 12), Lermen coloca o espaço sulino em continuidade simbólica com os territórios fundadores da epopeia ocidental. O gesto de Gauchê – o herói que canta sua terra ao som do violão – traduz esse encontro entre tradição e invenção:

o instrumento popular substitui a lira dos antigos, ao mesmo tempo em que faz referência a Capitão Rodrigo, e o canto épico nasce agora da oralidade campeira. É o próprio nascimento do mito gaúcho que o poema dramatiza, na cena em que o violão passa das mãos indígenas ao herói branco:

Imembuí, que é a filha do tuxuba,
Rompendo o cerco traz o violão,
Coloca-o nos braços do emboaba,
Soltando-lhe a quente, forte mão.
Hostil, total silêncio caiçara a taba...
O branco inicia uma canção,
E, vez, primeira, em campo, o violão...

O moço fita a lua e vai cantando
Canção em despedida, triste, triste...
Percorre com os olhos as coxilhas,
Soluça em sua viola, triste, triste...
Contempla a indiazinha de os campos
E manda-lhe adeus, tão triste, triste...

[...]

“Soltai-o!” manda o chefe Águia-Sol.
“O chê, que canta triste, gauú,
Possui o nosso espírito dos campos!
Gauchê é nosso irmão, irmão dos campos!”

O branco é chamado Gauchê, gaúcho.
Gaúcho então casou co’a minuana...
Da união do branco e do bronze tão bacana,
Surgiu um novo tipo... O gaúcho!
Gaúcho só vivendo nos arreios,
Lidando com o gado e carneiros,
Troveando e domando... Oi, gaúcho! (Lermen, 1967, versos 42-43 e 45-46).

Ao reconstituir, na figura do casal mítico Gauchê e Imembuí, a união de Ana Terra e Pedro Missioneiro, *Gaú-chê-rama-ura* ecoa a trilogia de Erico Verissimo e tensiona as noções de memória e identidade que atravessam ambas as narrativas. Lermen reelabora esse mito de origem dentro de seu ambicioso projeto poético e, ao articular o imaginário regional à forma épica, propõe uma síntese entre a cultura local e a herança literária ocidental. Essa operação confere ao poema uma dupla legitimidade: reinscreve o sujeito gaúcho no horizonte da tradição universal e, ao mesmo tempo, afirma a potência criadora de uma literatura que nasce no sul do país. Nessa tensão entre pertencimento e invenção, *Gaú-chê-rama-ura* se revela como uma epopeia da terra e do espírito – como antecipa o subtítulo que acompanha a versão publicada no *Pioneiro* –, um modo de cantar a própria identidade nos moldes da grande literatura.

Para além da narrativa épica, *Gaú-chê-rama-ura* guarda curiosidades que jogam luz sobre o modo como Lermen compreendia a criação literária. O datiloscrito sugere que o autor planejava publicar uma versão com 777 estrofes – número que remete ao caráter mítico e esotérico recorrente em sua produção – e chegou a confeccionar um exemplar artesanal do poema, colando os versos que saíram nas edições do *Jornal Pioneiro* sobre as páginas de um exemplar do romance *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. O gesto, ao mesmo tempo simbólico e material, traduz a concepção de poesia como trabalho de colagem e reconstrução da memória. Nesse mesmo espírito, Lermen retoma figuras de outras obras, como Cristóvão de Mendoza, reafirmando a coerência de um projeto que entrelaça história, imaginação e espiritualidade. Tais aspectos revelam um autor atento não apenas à dimensão estética, mas também à simbologia do ato criador – um poeta que transforma o próprio fazer literário em exercício de permanência.

Toda epopeia nasce do desejo de perpetuar uma memória coletiva – e Lermen parece plenamente consciente desse gesto. Ao reunir ecos de Homero, Camões e Veríssimo, ele dá forma a uma narrativa que transforma o gaúcho em herói mítico, seguindo uma tradição, à época, já explorada por seus antecessores, sem abandonar o lirismo e o tom confessional que marcam sua poética. *Gaú-chê-rama-ura* permanece, assim, como uma experiência singular da literatura épica regional, de interesse tanto para estudiosos da tradição literária e épica quanto para leitores curiosos sobre as múltiplas maneiras de cantar a identidade gaúcha.